

FHC invoca passado para reagir a ataque de Ciro

Wilson Pedrosa/AE

Comparação de encontro com empresários a reunião da Oban é vista como "um desrespeito"

SANDRO VAIA

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso mostrou indignação com as declarações do ex-governador do Ceará Ciro Gomes, para quem o jantar realizado no fim de semana na casa do banqueiro Olavo Setúbal "parecia uma reunião da Oban" (a Operação Bandeirantes, organização paramilitar criada durante o regime militar para combater a luta armada no País). "Foi um desrespeito. Eu estive na Oban. Fui encapuzado lá. Portanto, ele não tem o direito, não tem a autoridade moral para falar nisso, até porque o passado dele não permite que se arrogue como democrata naquele momento", reagiu Fernando Henrique, com irritação, em entrevista exclusiva ao Estado.

Segundo ele, na casa de Setúbal falou-se sobre assuntos que todos falam – "o Brasil, a Argentina, etc." – e não se discutiu o artigo do cientista político Fábio Wanderley Reis, que aborda a questão da governabilidade no caso da vitória de um candidato da oposição, que teria sido o tema do jantar. "A oposição está inquieta à toa."

Fernando Henrique insinuou que tornará público o nome de seu candidato preferido antes do que se espera. Parece até impaciente para fazer isso logo. E continua acreditando que o elegerá, como disse no discurso de sete anos do Plano Real. Brincando, quando indagado sobre quem é seu candidato in pectore, respondeu à queima-roupa: "Eu." Depois riu e se corrigiu. "Não estou dizendo que sou o papa, mas seria como se o papa dissesse quem é seu cardeal in pectore para sucedê-lo. Não posso fazer isso porque decepcionaria muitos cardeais." Ele deixou claro que terá de ser alguém que defenda tudo o que o governo fez, tenha a mesma visão de mundo e se proponha a acabar a obra que começou. E nem precisa ser do PSDB. A seguir, os principais trechos da entrevista:

Estado – O Brasil talvez seja o único país onde no telejornal da noite aparece uma pesquisa de intenção de voto de uma eleição que vai ocorrer daqui a um ano e meio. Isso é um sintoma de vazio, de fim de governo ou do quê?

Fernando Henrique Cardo-

so – Não, isso é a vitalidade da nossa mídia, dos institutos de pesquisa, que precisam ter notícia. Já disse mais de uma vez: a mídia no Brasil tem a capacidade de antecipar processos e, assim, participa da criação de situações. Ao pôr nomes que não estavam nem colocados, de repente ela coloca um que é aceito. É um jogo muito curioso; tem a ver com o dinamismo da sociedade contemporânea. O mecanismo de antecipação tem a ver com a sociedade nervosa em que vivemos, que cada vez mais se parece com um computador e com o mercado. Eles trazem tudo ao valor presente, como se diz na gíria de mercado. Mas isso é normal, está todo mundo antenado. Esse mecanismo pode interferir no quadro eleitoral, mas não acho que isso seja obrigatoriamente negativo.

Estado – Qual é o tamanho do desconforto do governo com a situação do presidente do Senado, Jader Barbalho?

Fernando Henrique – Não é só com o senador. O novo que vemos é que talvez pela primeira vez na nossa história a sociedade está passando a limpo, e o governo está deixando passar a limpo. Em vez de pensar que aumentou a taxa de corrupção, o que há é um reconhecimento. No caso, as acusações – e não posso endossá-las – são de 20 anos atrás. E não é

só Jader. Há uma enorme quantidade de políticos cujas vidas estão sendo revisadas, com razão ou sem razão, com justiça ou sem justiça. A sociedade está cobrando mais. E o governo não se sente incomodado.

Só se sentiria se tivesse algo a esconder. Por isso fui contra a CPI. Queriam um palanque eleitoral. Se todos os mecanismos democráticos estão funcionando, o Ministério Público, a Polícia Federal, a Receita, o Banco Central, talvez pela primeira vez na história deste país, não como agentes políticos, mas como órgãos de Estado, por que não usá-los? Reitero: não estou prejulgando. Jader terá de avaliar sua situação. Só ele pode julgar o grau de comprometimento nas denúncias que estão sendo feitas.

Estado – Mas de qualquer forma isso não paralisa o processo legislativo?

Fernando Henrique – No semestre passado o Congresso votou leis importantes. Votou a Lei de Diretrizes Orçamentárias, uma lei da Previdência, a Lei das Sociedades Anônimas. O que está acontecendo é que o que chama a atenção é aquilo que aqui se chama de "escândalos". Isso mobiliza muito as atenções, mas o



"Pela primeira vez na nossa história a sociedade está passando a limpo, e o governo está deixando"

Congresso não foi paralisado por causa disso.

Estado – A oposição viu seu jantar na casa de Setúbal como uma reunião para discutir o problema da governabilidade diante de uma eventual vitória da oposição.

Fernando Henrique – Não gostei de uma observação, do Ciro Gomes, que disse que aquilo era uma reunião da Oban. Aí é um desrespeito. Primeiro a mim. Eu estive na Oban. Tive um capuz preto na minha cabeça dentro da Oban. Portanto, ele não tem o direito, não tem a autoridade moral para falar nisso, até porque o passado dele não permite que ele se arrogue como democrata naquele momento. Hoje pode até ser, naquele momento não. E, segundo, é um desrespeito aos demais participantes. Então, não gostei disso. Na verdade, conversamos muito sobre Brasil, Argentina, sobre os temas que todo mundo fala e são os temas que interessam. Distribuí lá um livrinho sobre os sete anos do Real. Ninguém tocou no assunto da governabilidade. Não é um tema que me preocupe. Temos todas as instituições funcionando. Perdemos dois senadores, há acusações contra outros e, não obstante, tudo se faz num clima de normalidade.

Estado – No aniversário do Real, o sr. saiu um pouco de seu tom habitual para dizer que vai fazer seu sucessor. Foi um momento de entusiasmo ou pensa assim mesmo?

Fernando Henrique – Evidentemente que, por ser presidente, procuro ter muito cuidado. Não gosto de usar as prerrogativas de presidente a favor do PSDB ou dos aliados. Mas achei im-

portante dizer aquilo até mesmo como expectativa de futuro. Nós fizemos muita coisa, mudamos bastante o Brasil. Não tem cabimento permitir que se consolide para a sociedade uma idéia de que isso tudo está ruim. Porque só falam os candidatos de oposição. Então, eu disse: devagar com o andor porque o governo vai ter candidato, os partidos que apóiam o governo vão ter candidato, eu vou lutar também, brigar politicamente. O mais importante nessas coisas é ter conceito, ter proposta. E a única proposta que eu vi alinhavada foi, agora, a do programa econômico do PT, e já disse o que penso dela: se é assim, porque não ficar com o original? O resto não tem nem proposta, são idéias muito vagas, muito contraditórias. E o Brasil precisa ter caminhos concretos. A população tem de saber qual é o horizonte, para onde é que se marcha. O que estou dizendo é o seguinte: eu vou apoiar a candidatura que realmente reflita o conjunto de coisas que fizemos. Pode ser do PSDB ou não, mas tem de ser alguém que reflita esses anos todos que custaram muito ao Brasil, em termos de reorganização, reforma da estrutura do Estado, uma política social muito ativa, talvez mais ativa do que a econômica, ao contrário do que se diz. Reinserção na economia mundial, enfim, preparamos o Brasil para olhar para o século 21. Eu dizia isso lá antes. Os fundamentos estão postos. Você pode dizer não acabou, não completou a casa. É verdade, isso é uma construção, vai um tempo. Mas os fundamentos estão postos. Eu não quero que venha alguém aqui e deixe esses fundamentos balançando, lance dúvidas sobre se o Brasil vai ou não ser um país à altura dos desafios do século 21.

“ Seria como se o papa dissesse quem é seu cardeal in pectore para sucedê-lo. Não posso fazer isso porque decepcionaria muitos cardeais

■ Não quero que venha alguém aqui e deixe esses fundamentos balançando, lance dúvidas sobre se o Brasil vai ou não ser um país à altura dos desafios do século 21

■ A oposição está inquieta à toa

Fernando Henrique Cardoso